

A PAISAGEM, ALÉM DA CONTEMPLAÇÃO

a partir de sua leitura uma melhor compreensão

**Gabriel Paes da Silva
Salesⁱ**

Doutorando em Geografia
Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Resumo

O conceito de paisagem é de fundamental importância para a Geografia. Tanto isto é verdade, que no passado esta área do conhecimento foi reconhecida como a “ciência da paisagem”. Atualmente, apesar de perder esse destaque, a paisagem ainda é um conceito bastante utilizado pelos geógrafos e estudiosos de outras áreas do saber, e, apresenta inúmeras possibilidades de pesquisas e abordagens. De maneira sucinta, a paisagem pode ser compreendida como o produto da relação do homem com o meio em que vive, ao longo do tempo ou, o espaço abarcado por um lance de vista. Por conta disso, a paisagem atual, se “lida” adequadamente, pode revelar marcas e vestígios. Desta forma, é importante interpretar a paisagem como um documento histórico. Objetiva-se neste trabalho uma revisão do conceito de paisagem, através da apresentação da maneira como este conceito é discutido por diversos autores. Além disso, se busca contribuir para o desenvolvimento de uma discussão sobre a paisagem que vá além da contemplação, para que assim seja possível sua melhor compreensão.

Palavras-chave: paisagem; Geografia; História Ambiental.

LANDSCAPE, BEYOND CONTEMPLATION: A BETTER COMPREHENSION FROM ITS READING

Abstract

The concept of landscape is fundamentally important to Geography, so, in the past, this area of knowledge was recognized as the “*science of landscape*”. Currently, despite losing this emphasis, the landscape is still a concept widely used by geographers and scholars from other fields and features a number of opportunities for other approaches and researches. Briefly, the landscape could be understood or as the product of the relationship between man and their environment over time, or the space encompassed within a visual review. As a result, the landscape if it’s properly read can reveal marks and vestiges that are found in current days. Thus, it is important to apprehend the landscape as a historical document. In that matter, the objective of this article is to review the concept of landscape, and how it is discussed by different authors. Furthermore, this research aims to discuss the landscape that goes beyond the contemplation, so it’s

ⁱ *Endereço institucional:*

Rua Marquês de São Vicente, n. 225. Edifício da Amizade, ala Frings, sl. F411. Gávea. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. CEP: 22451-900.

Endereço eletrônico:

paes.gabriel@hotmail.com

understanding could be improved.

Keywords: landscape; Geography; Environmental History.

A superfície terrestre é escrita: é a paisagem. É neste sentido que Eric Dardel entenderá a palavra geografia: há uma grafia objetiva da terra, e o saber geográfico é fundamentalmente o empreender a leitura e a decodificação destes signos da escrita [...].

Jean Marc Besse (2014)

Primeiras aproximações

Cotidianamente, em uma conversa entre amigos ou em algum meio de comunicação, assim como em numerosos trabalhos científicos, a palavra paisagem é evocada, denotando uma abrangente polissemia. Sendo assim, dentro do grande campo conceitual que é a Geografia, como pode ser definido o conceito de paisagem? Este conceito pode ser utilizado pela ciência geográfica ou por qualquer outra, em sua forma conceitual ou como a palavra do senso comum. Muito frequentemente, o conceito de paisagem é empregado de diversos modos e, desta maneira, pode se apresentar acompanhado de um adjetivo, como por exemplo, paisagem urbana, paisagem rural, paisagem florestal e até mesmo paisagem virtual.

Retoma-se a fala inicial de Besse (2006, p. 70), na qual o autor evidencia que para ler a paisagem é necessário compreender os desenhos das costas, os contornos das montanhas, as sinuosidades dos rios e também as diferentes formas de estabelecimento humano sobre a Terra. O olhar geográfico é de fundamental importância e possibilita ao geógrafo reconhecer a ação e as interações do homem com o meio em que vive, ao longo de tempo.

Nessa perspectiva, o conceito de paisagem é fundamental para a Geografia, haja visto que no passado, foi a principal ferramenta teórico-metodológica deste ramo do conhecimento e por conta disso foi reconhecida como a “ciência da paisagem”. Posto isto, pode-se imaginar o quão complexo é discuti-lo. Em resumo, pode-se considerar que o conceito de paisagem, e suas nuances, representam variados olhares lançados sobre a natureza.

Ao se adotar uma definição concisa e generalista – a paisagem como uma porção do espaço que pode ser vista e apreciada pela visão de um observador – são necessárias algumas considerações, pois uma mesma paisagem pode ter diversas interpretações, uma vez que, depende do observador e de sua escala de observação. Portanto, a afirmação que se refere à uma paisagem poder conter “múltiplas paisagens”, não é inadequada ou controversa, pois a paisagem sempre é percebida de forma individual, resultante de múltiplos olhares singulares.

Nesta acepção, Besse (2006, p. 62) proporciona uma importante reflexão sobre a polissemia do termo paisagem, ao dizer que: “Há o olhar do cientista, o do médico, o do engenheiro, o do religioso ou do peregrino etc. Em cada caso, o território é afetado por qualidades paisagísticas particulares, próprias ao interesse daquele que o considera.”

À vista disso, além de ser o visível, a paisagem é, principalmente, o percebido, pois todo olhar sobre a paisagem é carregado de valores, símbolos e sentimentos, e é por conta disso que cada observador tem uma única percepção da paisagem, pois a maneira como cada indivíduo percebe determinada porção do espaço é única.

Pode-se ressaltar também que o conceito de paisagem está ligado à ideia de fisionomia, entretanto, deve-se ter em mente que fisionomia e forma não são sinônimos. Metzger (2001, p. 2) nos diz que apesar da diversidade de conceitos, a noção de espaço aberto, espaço “vivenciado” ou espaço de inter-relação do homem com o seu ambiente, na maior parte das vezes, está imbuído do conceito de paisagem. Este mesmo autor nos revela que no âmbito científico, a primeira pessoa a introduzir discussões acerca deste conceito foi o geo-botânico, Alexander von Humboldt, no início do século XIX, com o sentido de “característica total de uma região terrestre”.

A respeito dos diferentes significados e origem da palavra paisagem para diversas culturas, fizeram-se diversas considerações que podem ser encontradas na obra de Sansolo. Este autor (2001, p. 9) diz que:

Um significado comum presente nas línguas refere-se à paisagem como espaços visíveis, ligados ao sentido de visão. Entretanto, nas línguas dos chamados países ocidentais a palavra paisagem refere-se à presença humana no contexto espacial, enquanto nas línguas orientais destacam-se os elementos da natureza ou à natureza percebida.

Com relação a esta obra, devemos evidenciar a discussão feita pelo autor, referente à relação do conceito de paisagem com as artes, em especial, a pintura. Ele diz que:

Na pintura, a paisagem, a natureza sempre se apresenta com a presença do ser humano. O pintor, em qualquer época, insere na paisagem, ou naquilo que observa da história, o sentir e o refletir, produzindo uma representação da natureza associada a um sentimento ou a uma vontade. Não parece haver uma separação entre homem e natureza. Ao contrário, sempre a paisagem representa a existência humana (SANSOLO, 2007, p. 8).

Nesse sentido, percebe-se a paisagem como uma representação humana, impregnada dos sentimentos de quem a observa e com intencionalidades, o que consequentemente, pode apresentar múltiplas subjetividades.

Holzer (1999, p. 151) apresenta importantes contribuições sobre a paisagem, ao destacar que:

[...] geógrafos profissionais pioneiros associaram a “paisagem” a porções do espaço relativamente amplas, que se destacavam visualmente por possuírem características físicas e culturais suficientemente homogêneas para assumirem uma individualidade.

No trecho acima, a palavra “visualmente” está associada diretamente a todo um aparato técnico vinculado à trigonometria e à geometria descritiva que possibilitaram a projeção e a identificação destas áreas na carta geográfica, e que envolvem um acurado senso de observação do geógrafo em campo, uma visão paisagística com o intuito de associar adequadamente uma determinada cultura ao seu sítio.

Este mesmo autor contribuiu para o debate com uma pertinente reflexão de âmbito linguístico: teria “*landschaft*” o mesmo sentido que “*paysage*”? A resposta é não, pois a palavra alemã é mais antiga e seu conteúdo mais abrangente e complexo que o das línguas latinas, nas quais o termo provém do período renascentista e, portanto, já estava limitado em sua origem às artes plásticas. O autor destaca que: “*Landschaft*’ se refere a uma associação entre o sítio e os seus habitantes, ou se preferirmos, de uma associação morfológica e cultural. Talvez tenha surgido de ‘*Land schaffen*’, ou seja, criar a terra, produzir a terra [...]” (HOLZER, 1999, p. 152).

Diante disso, cabe o seguinte questionamento: seria a paisagem um conceito impreciso? Sim, e desta forma deve permanecer, pois este conceito apresenta múltiplas possibilidades e potencialidades para a ciência geográfica, além de ser um con-

ceito importante para o estabelecimento de identidades e de geografidades, o que torna possível a contribuição para as mais diversas pesquisas deste campo do saber.

Paisagem, geografia, cultura e símbolo

Cosgrove (2004, p. 99) contribuiu para a discussão sobre a paisagem, pois destacou que as paisagens são repletas de significados, símbolos e culturas, que podem entrar em conflito ou não. O modo como uma pessoa lê a paisagem, ou seja, os elementos que são por ela destacados da paisagem, estão diretamente relacionados à sua história e ao seu olhar individual. Esta ideia vai ao encontro do pensamento de João Rua¹, que diz que o fundamento da paisagem é o olhar, mas esse olhar é processado por uma consciência de uma dada cultura, de um dado espaço, de um dado tempo, de uma dada experiência de vida. Mas, além do olhar, contribuem na construção da paisagem os outros sentidos, os sentimentos, a duração e a frequência das apreensões, amalgamando-se fenomenologicamente, constituindo um todo em que qualquer tentativa de exteriorização é deficitária.

Outra significativa contribuição de Cosgrove (2004, p. 104) para o debate acerca da paisagem se refere à ideia de que toda cultura está repleta de poder, diz que: “Um grupo dominante procurará impor sua própria experiência de mundo, suas próprias suposições tomadas como verdadeiras, como a objetiva e válida cultura para todas as pessoas. O poder é expresso e mantido na reprodução da cultura.”

Sendo assim, Cosgrove (2004, p. 104-105) complementa sua ideia apontando que quando as suposições culturais do grupo dominante simplesmente são aceitas como senso comum, tudo pode ser concretizado. Portanto, se pessoas com valores culturais tão diferentes conseguem viver e se relacionar numa mesma sociedade, observa-se que isto ocorre porque, frequentemente, lidamos com subculturas dentro de uma cultura dominante. Sendo assim, o autor afirma que há, portanto, culturas dominantes e subdominantes ou alternativas, não apenas no sentido político, mas também em termos de sexo, idade e etnicidade.

¹ Comentários e discussões sobre o conceito paisagem realizados na disciplina Paisagem, Espaço e Sustentabilidades em 2014.1 ministradas pelo professor Dr. João Rua.

Em face disso, com o intuito de compreender as manifestações impressas por uma cultura em sua paisagem, é necessário conhecer a “linguagem” empregada, e, essa “linguagem” se refere aos símbolos desta determinada cultura. Portanto, pode-se afirmar que toda paisagem é cultural e simbólica. Um único símbolo na paisagem pode ter múltiplos significados dependendo da cultura do observador que o percebe.

Morin (2007, p. 323) nos mostra um exemplo interessante ao apresentar o caso dos ataques aéreos ao World Trade Center, na cidade de Nova York, em setembro de 2001. Antes do ataque, as torres gêmeas significavam, para muitas pessoas, um ideário de modernidade, progresso, patriotismo e sucesso global capitalista, enquanto que para outros, significava justamente o oposto e, assim, a sua queda representou um cenário político-econômico vulnerável e a representação do “anticapitalismo”. Deste modo, toda paisagem possui múltiplos símbolos, significados e representações. Todavia, nem sempre os símbolos são interpretados de acordo com o modo com que foram projetados originalmente, pois esta interpretação está diretamente vinculada ao seu observador. Deste modo, Cosgrove (2004, p. 108) diz que toda paisagem possui significados simbólicos porque é o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem.

Souza (2013, p. 48) traz para esta discussão uma importante contribuição ao dizer que: “O fato de ser uma forma, uma aparência, significa que é saudável ‘desconfiar’ da paisagem. É conveniente sempre buscar interpretá-la ou decodificá-la à luz das relações entre forma e conteúdo, aparência e essência.”

Assim sendo, é também imprescindível desconfiar das representações da paisagem, feitas tanto por meio das pinturas quanto das fotografias. Elas carregam interesses ideológicos, perspectivas e conveniências de quem as retratam. Por conta disso, a interpretação da paisagem pode ser manipulada e, desta maneira, a representação acaba por atender interesses específicos, repletos de significados pré-concebidos.

Diante disto, cabe destacar que simultaneamente a paisagem é produto da relação do homem com o meio, e também condiciona este homem. Nesse sentido, Berque (1998, p. 84) diz que:

A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas também é uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura – que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, a paisagem do seu ecúmeno.

Desta feita, este autor destaca que é preciso compreender a paisagem de dois modos:

Por um lado ela é vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada (e eventualmente produzida) por uma estética e uma moral, gerada por uma política, etc. e, por outro lado, ela é matriz, ou seja, determina em contrapartida, esse olhar, essa consciência, essa experiência, essa estética e essa moral, essa política etc (1988, p. 86).

Sendo assim, conclui que a paisagem é plurimodal (passiva-ativa-potencial). Nesse sentido, o sujeito para o qual a paisagem existe também é plurimodal e, portanto, a paisagem e o sujeito são cointegrados em um conjunto unitário que se autoproduz e se autorreproduz pelo jogo, jamais de soma zero, desses diversos modos.

A importância de ler a paisagem

Ab'Sáber (2011, p. 9) contribui para esta discussão ao apresentar uma ideia que vai ao encontro do que foi discutido até agora, ao afirmar que:

[...] a paisagem é uma herança. Na verdade, ela é uma herança em todo o sentido da palavra: herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades.

Nesta perspectiva, é interessante perceber a paisagem como um produto da relação do homem com o meio e, assim, é possível compreendê-la a partir da ideia de usos temporais e espaciais que se sobrepõem e formam a paisagem atual. Besse (2006, p. 67) destaca que a paisagem é um testemunho humano. Esta acepção vai ao encontro do entendimento de Oliveira e Engemann (2011, p. 10) quando relacionam o conceito de paisagem à História Ambiental, que é um ramo do conhecimento que surgiu na década de 70 do século passado, à medida que se realizavam conferências sobre a crise global e cresciam os movimentos ambientalistas na sociedade civil de vários países (WORSTER, 1991, p. 199). Em síntese, a História Ambiental trata do papel e do lugar da natureza na vida humana (WORSTER, 1991, p. 201). Assim sendo, é um campo do conhecimento que sintetiza variadas contribuições, cuja prática é

essencialmente interdisciplinar. A sua originalidade está em sua disposição explícita de “colocar a sociedade na natureza” e no equilíbrio com que busca a interação e a influência mútua entre sociedade e natureza (DRUMMOND, 1991, p. 185). Uma valiosa contribuição da História Ambiental para as pesquisas relacionadas à paisagem se refere à perspectiva de tratá-la como um documento histórico. Por conta disso, retoma-se o diálogo com Oliveira e Engemann (2011, p. 9), pois estes autores destacam que:

A grande maioria das informações que se dispõem sobre estas populações [passadas] encontra-se inserida no próprio ecossistema, o que pode ser obtido tanto por vestígios arqueológicos, como pelo estudo da estrutura e composição da floresta. Assim, a Mata Atlântica, tal como conhecemos hoje, pode ser interpretada como um documento histórico que potencialmente evidencia e descreve a resultante da interação de seres humanos com o ecossistema.

Oliveira e Engemann (2011, p. 10), mais uma vez, colaboram com o desenvolvimento do conceito de paisagem ao discutir através da perspectiva histórica a evidência de que a paisagem florestal atual é produto da relação das populações passadas com o ambiente em que viviam. Nesse sentido, é conveniente lembrar que a concepção dos sistemas ecológicos como “naturais”, ou seja, desconectados de qualquer atividade humana ocorrida em diversas escalas temporais, simplesmente não faz sentido. Por conta disso, é necessária a inclusão do legado da atividade humana como parte do enfoque ecológico nas investigações sobre a paisagem e, portanto, não se deve limitar sua interpretação à estrutura e funcionamento a partir de um ponto de vista exclusivamente “natural”.

Em face disso, cabe reforçar, mais uma vez, que é necessário *ler* a paisagem como um documento histórico, pelo fato de que nela é possível encontrar uma série de marcas e vestígios que revelam eventos históricos de populações passadas que não foram documentadas pela historiografia oficial da época. As marcas e vestígios encontrados na paisagem florestal são diversos, desde uma determinada espécie arbórea que não é derrubada – devido ao corte seletivo que pode ser praticado por inúmeras razões – e, portanto, é possível encontrar, atualmente, indivíduos arbóreos desta mesma espécie (ou de outras espécies) com diferentes idades sucessionais em um mesmo trecho de floresta. Pode-se até mesmo, encontrar rochas empilhadas em um local que outrora serviu para moradia, e hoje são ruínas encobertas pela vegeta-

ção. Evidentemente que a leitura adequada da paisagem florestal requer um olhar treinado e aperfeiçoado, pois, caso contrário, nada poderá ser percebido.

Posto isto, dialoga-se novamente com Oliveira e Engemann (2011, p. 17), que dizem:

Um conceito bastante adequado ao entendimento da relação sociedade × natureza é o de paisagem. Polissêmico por origem, a paisagem pode também ser considerada como uma estrutura espacial que resulta da interação entre os processos naturais e as atividades humanas. Ao associar ações passadas e presentes, a paisagem constitui-se uma categoria do espaço que é um produto da coevolução das sociedades humanas e do meio natural, ou ainda, uma manifestação espacial da relação homem-ambiente.

O trecho acima vai ao encontro da ideia de que o homem não vive na paisagem, o homem vive no espaço, porém o produto da relação do homem com o meio é a paisagem.

Solórzano, Oliveira e Guedes-Bruni (2009, p. 49) tiveram como finalidade a compreensão dos elementos históricos na formação e transformação da paisagem, e colaboraram para uma complexa discussão acerca do conceito de paisagem ao destacar duas abordagens de conhecimento que apresentam uma proposta interdisciplinar. Seriam elas: a História Ambiental e Ecologia Histórica. Estes autores dizem que:

Estas disciplinas incorporam, ao seu nome, tanto a história quanto os elementos naturais envolvidos no objeto de observação (ambiente e processos ecológicos). O que diferencia uma da outra, contudo, é o papel definidor que o primeiro nome do binômio desempenha no processo analítico.

Portanto, ler a paisagem é um exercício complexo e, por isso, dialogar com outras áreas do saber, através de outros olhares, é de extrema importância para que seja possível a realização de uma leitura adequada da paisagem com o máximo de seus detalhes e possibilidades.

Considerações finais

Por fim, como foi visto, o conceito de paisagem é de fundamental importância para a Geografia, e em conjunto com os conceitos de espaço, território, lugar, escala e região, se tem as principais categorias analíticas desta área do saber. O conceito de paisagem aliado ao conceito de espaço possibilita análises importantes, pois a paisagem pode ser entendida como um espaço incompleto.

Ao se resgatar o diálogo com Besse (2006) e Souza (2013), é possível apreender com este primeiro autor que a paisagem na modernidade era essencialmente uma representação estética, cuja origem seria, antes de tudo, pictórica. Destaca também que a paisagem é da ordem da imagem, seja esta imagem mental, verbal, inscrita sobre uma tela ou realizada sobre um território. Esta acepção vai ao encontro do que o segundo autor destacou, quando sugeriu sempre desconfiar da paisagem e das representações que são realizadas a partir dela. Não obstante, se torna imprescindível tomar a paisagem como um documento histórico, isto é, um produto da relação do homem com o meio, ao longo do tempo com sobreusos espaciais. Desta forma, a paisagem pode ser reveladora, caso saibamos realizar uma leitura adequada a partir da forma como ela se apresenta atualmente. A este respeito, Besse (2006, p. 64) diz que,

A paisagem é um signo, ou um conjunto de signos, que se trata então de aprender a decifrar, a deciptar, num esforço de interpretação que é um esforço de conhecimento, e que vai, portanto, além da fruição e da emoção. A ideia é então que há de se ler a paisagem.

A paisagem – que para ser vista necessita que o sujeito não esteja no primeiro plano –, ao ser observada a partir de certo distanciamento pode não revelar muitas coisas. Contudo, ao mudarmos o foco da análise e buscarmos outras categorias analíticas da Geografia, várias revelações se tornam possíveis. Ao nos aproximarmos do lugar, isto é, adentrarmos na paisagem florestal, por exemplo, se torna possível a percepção de diversas marcas de relações que ocorreram no passado neste espaço, assim como dos vestígios que restaram. Por conta disso, é necessário saber ler esta paisagem, pois ela pode ser capaz de revelar alterações na estrutura e composição florística da atual floresta, além de possibilitar a descoberta de vestígios arqueológicos e de usos pretéritos praticados no lugar, como por exemplo, a fabricação de carvão².

A paisagem é um conceito polissêmico e assim deve permanecer, pois isso só nos mostra como ele é rico e complexo. Devemos saber que a paisagem é o visível, mas principalmente, o percebido, e que toda paisagem está repleta de signi-

² Para saber mais sobre a atividade carvoeira que ocorreu no maciço da Pedra Branca, localizado na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro consultar os trabalhos de Oliveira e Fraga (2012), Oliveira et al. (2013) e Sales et al. (2014).

ficados, símbolos e culturas. Como destaca João Rua³: a paisagem não é apenas objeto de contemplação por parte de um observador, como também de identificação e rejeição de uma comunidade, depositária de superstições, crenças e visões de mundo, frequentemente invertendo o vetor e assumindo um caráter ativo na cultura.

Este artigo buscou apontar que o conceito de paisagem apresenta múltiplas possibilidades e potencialidades para o estudo da Geografia e, que, quando a análise é feita de maneira interdisciplinar, ou seja, considerando diferentes olhares sobre esta paisagem, ele se torna mais rico e completo. Entretanto, sempre devemos ter em mente a noção do todo no qual ele pertence.

Referências bibliográficas

- AB'SÁBER, Aziz. **Os Domínios de Natureza no Brasil**: potencialidades paisagísticas. São Paulo (SP): Ateliê Editorial, 2003.
- BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro (RJ): UERJ, 1998. p. 84-91.
- BESSE, Jean Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a Geografia. São Paulo (SP): Perspectiva, 2006.
- COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. Tradução de Olivia B. Lima da Silva. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro (RJ): UERJ, 2004. p. 92-123.
- DRUMMOND, José Augusto. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisas. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro (RJ), v. 4, n. 8, p. 177-197, 1991.
- HOLZER, Werther. Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro (RJ): UERJ, 1999. p. 149-168.
- METZGER, Jean Paul. O que é ecologia de paisagens? **Biota Neotropica**, Campinas (SP), SP, v. 1, n. 1/2, p. 1-9, 2001.
- MORIN, Karen M. Landscape and environment: representing and interpreting the world. In: HOLLOWAY, Sarah L.; RICE, Stephen P.; VALENTINE, Gill (Eds.). **Key concepts in Geography**. 6. ed. Londres (RUN): SAGE, 2007. p. 319-335.
- OLIVEIRA, Rogério R. de; ENGEMANN, Carlos. História da paisagem e paisagens sem história: a presença humana na floresta atlântica do sudeste brasileiro. **Esboços**, Florianópolis (SC), v. 18, n. 25, p. 9-31, ago. 2011.

³ Comentários e discussões realizados sobre o conceito de paisagem na disciplina Paisagem, Espaço e Sustentabilidades em 2014.1, ministrada pelo professor Dr. João Rua.

OLIVEIRA, Rogério R. de; FRAGA, Joana S. Metabolismo social de uma floresta e de uma cidade: paisagem, carvoeiros e invisibilidade social no Rio de Janeiro dos séculos XIX e XX. **GeoPUC**, Rio de Janeiro (RJ), v. 4, n. 7, p. 1-18, jul.-dez. 2011. **Pesquisas, Botânica**, São Leopoldo (RS), n. 64, p. 323-339, 2013.

OLIVEIRA, Rogério R. de; SOLÓRZANO, Alexandre; SALES, Gabriel P. da S.; BEAUCLAIR, Mariana; SCHEEL-YBERT, Rita. Ecologia histórica de populações da carrapeta (*Guarea guidonia* (L.) Sleumer) em florestas de encosta do Rio de Janeiro.

SALES, Gabriel P. da S.; SOLÓRZANO, Alexandre; PATZLAFF, Rúbia G.; OLIVEIRA, Rogério R. de. Resultantes ecológicas, práticas culturais e provisão de lenha para a fabricação de carvão nos séculos XIX e XX no Rio de Janeiro. **Pesquisas, Botânica**, São Leopoldo (RS), n. 65, p. 389-402, 2014.

SANSOLO, Denis G. Significados da paisagem como categoria de análise geográfica. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, 7. **Anais...** Niterói (RJ): UFF, 2007. sem paginação.

SOLÓRZANO, Alexandre; OLIVEIRA, Rogério R. de; GUEDES-BRUNI, Rejan R. Geografia, História e Ecologia: criando pontes para a interpretação da paisagem. **Ambiente & Sociedade**, Campinas (SP), v. 12, n. 1, p. 49-66, jan.-jul. 2009.

SOUZA, Marcelo L. de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro (RJ): Bertrand Brasil, 2013.

WORSTER, Donald. Para fazer História Ambiental. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro (RJ), v. 4, n. 8, p. 198-215, 1991.

Recebido em 30 set. 2015;

Aceito em 12 set. 2016.